

Gilles Deleuze no terreiro: a filosofia e os saberes dos cultos de matriz africana brasileiros na encruzilhada

Gilles Deleuze in the *terreiro*: the philosophy and knowledge of Brazilian African-based cults at the crossroads

RODRIGO PALLÚ MARTINS¹

Gilles Deleuze na encruzilhada

O que propomos no presente trabalho é um encontro entre o pensamento dos filósofos e os saberes de terreiro — esses territórios de resistência que promovem a cultura brasileira de matriz africana e ameríndia.

Esse intuito surge a partir da constatação empírica da possibilidade de que esse seja um encontro produtivo, do modo que propõem Deleuze e Guattari na construção de uma multiplicidade. Escrevemos, portanto, a *n-1*, desbravando um caminho novo, pedindo licença a Exu, em rumo de uma possível encruzilhada — lugar de encontro por excelência — ao qual levamos nossos filósofos aventureiros. Desse modo, passo a passo, vamos desterritorializando o que há de ocidental e europeu nos pensadores, limpando-os do que outros pensadores dos lados de cá, com sua malandragem e ginga, nomearam de “carrego colonial”.

As diferentes vertentes de práticas culturais e religiosas de matriz africana praticadas no Brasil evidenciam, por si, seu caráter de multiplicidade. Podemos recorrer à imagem da árvore, utilizada pelos filósofos na obra *Mil Platôs*, no texto sobre rizoma. Imagem essa que, ao mesmo passo, é emblemática para a Umbanda e o Candomblé, pois remete ao orixá Iroko, cujo simbolismo é associado à imagem de uma árvore (no Brasil, a gameleira-branca), remetendo à concepção de tempo, de sabedoria e ancestralidade.

Iroko, assim como outros orixás, faz a ligação com o berço africano desses ritos, permanecendo como troncos que ultrapassam as eras da humanidade — fonte

¹ Formado em Letras Português pela Universidade Federal do Paraná. Possui especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio pela UAB e Gestão de Políticas Públicas para Infância e Juventude pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atualmente trabalha junto à Editora UEPG, na Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: rpmartins@uepg.br

sem fim do conhecimento que emana e ao qual, ciclicamente, tais práticas acabam por voltar-se. Mas suas raízes pivotantes, assim como seus bulbos, ainda que de maneira tristemente forçosa, chegaram até as Américas. E, desse modo, criaram agenciamentos com práticas dos povos originários que aqui viviam, assim como com imigrantes que, mais tarde, foram povoando essas terras.

Geraram-se, assim, novas multiplicidades, frutos dos diversos agenciamentos possíveis entre as práticas religiosas de matriz africana (nações sudanesa e bantu) com as dos povos originários e dos imigrantes europeus católicos — essa, especificamente, a religião oficial imposta pelos colonizadores, assimilada e metamorfoseada de modo estratégico, em prol da sobrevivência. Passaram a ser cultuados indígenas (caboclos), malandros (boêmios, ligados ao samba e à vida noturna, no caso dos cariocas, mas também presentes na Bahia), baianos, boiadeiros, ciganos... Figuras emblemáticas de um novo povo, do nosso Brasil mais profundo, que resistiram em vida ao processo civilizatório que tentava suprimi-los e continuam resistindo mesmo depois de mortos, nos terreiros de todo o Brasil — talvez até com maior vitalidade, ultrapassados os limites da matéria, “corpos sem órgãos” de pura potência.

Em *Crítica e Clínica*, ao falar na escrita e seus devires próprios, Deleuze caracteriza o escritor como negro. Sua perspectiva denota, para além de uma interpretação essencialista, que as condições para que haja o devir implicam num aspecto minoritário, não dominante. É uma “língua menor” que atua a partir de uma língua maior e dominante. No Brasil, existem inúmeros casos de escritores que poderíamos considerar como viabilizadores de devires minoritários e insurgentes contra um país oficial, dominante, que sobrepuja uma identidade que se dá precisamente no popular, na resistência de manifestações culturais tradicionais e ancestrais da multiplicidade de povos responsáveis pela sua formação.

Na escrita metrificada ao anarquismo espiritual de Roberto Piva, passando por Arthur Bispo do Rosário e pelos mestres capoeiristas, assim como pelos Tinto e Caymmi, entre tantos outros na música e nas lutas sociais, há uma busca pela matriz ancestral, que alimenta nossos devires.

Devires produzidos por tantos autores: livros-máquinas-de-guerra contra o estado de coisas de um país colonizado; desterritorialização do que é consequência

da exploração de mão de obra escravizada negra e indígena; e reterritorialização a partir de culturas que encontram brechas para sobreviver e resistir à homogeneização globalista. Culturas de fresta, como coloca Suely Rolnik, às quais artistas e pensadores se voltam ciclicamente, num movimento elíptico de redescoberta e reinvenção de uma nação.

Ao modo rizomático, são movimentações que incidem na cultura, no social e na subjetividade de todo um povo, com uma práxis própria, calcada em saberes de origem afro-indígena. Como Guattari coloca em “Micropolíticas”, registrado por Suely Rolnik, por ocasião de sua visita ao Brasil: “Para que esses processos se efetivem, eles devem criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, devem inventar sua práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante.” (Guattari, 1986, p. 50).

Ainda nessa mesma obra, Guattari aborda a subjetividade como fator que incide diretamente na práxis social, e não de modo apartado da realidade, circunscrito nas esferas da filosofia e da psicologia, por exemplo. Guattari aborda o Candomblé ao falar desse modo de pensar a subjetividade: “É a condição, a meu ver, para que elementos de apreciação como Exu e Ogum, elementos do Candomblé, sejam levados em consideração no modo de cartografia, de semiotização, de apreensão das problemáticas, aqui no Brasil.” (Guattari, 1986, p. 27).

A partir dessa perspectiva das religiões de matriz africana, podemos vislumbrar todo um universo de produção de subjetividade advindo dessas práticas, que ressoam com o pensamento de Deleuze e Guattari.

Abre-se, assim, uma ampla possibilidade de correspondência entre os conceitos dos filósofos e as práticas ancestrais. Quais conexões podem ser feitas entre, por exemplo, o conceito de devir-criança com a atuação dos erês? E o devir-mulher — poderia ser desencadeado pela ação de uma pombagira?

Como propõe Deleuze com o devir-criança, um erê, ainda que apresente comportamentos infantis, não se trata da imitação de uma criança, nem sequer de um espírito infantil, mas das possibilidades e potências que a infância pode proporcionar no encontro com o humano: a leveza de espírito, o entusiasmo e a alegria da existência de um ser que ainda não foi maculado pelas intempéries da

vida. Tudo isso pode ser recuperado num humano adulto em contato com erês e suas “emanações moleculares”, digamos.

As pombagiras, por sua vez, quanto podem contribuir com o “tornar-se mulher”? É o seu domínio por excelência. São elas o próprio “devir-mulher” em sua máxima potência, insubmissas, ensinando o auto-valor, o auto-cuidado e auxiliando no enfrentamento de situações de abuso por parte dos homens.

E, por fim, quanto à figura de Exu — poderia ser tomado como um personagem conceitual? A relação parece evidente: Exu é movimento, é o poder da palavra, da comunicação. Para Exu, a alegria é fundamental. Ele promove a ética da alegria. Os problemas que existem são destituídos por sua cabeça. Exu não carrega nenhum peso que possa se interpor ao seu livre transitar. É a potência da alegria contra a criação de “corpos tristes” e, por consequência, domináveis — como Deleuze nos alerta.

De maneira geral, assim como o devir pressupõe um movimento ativo, transformador, ainda que num nível molecular, atuando na subjetividade, as entidades que se apresentam nesses ritos atuam igualmente em níveis moleculares: uma gargalhada, uma palma, um estalo de dedos — e algo foi consideravelmente alterado, ainda que de modo imperceptível. Algo é transformado no estado de coisas colocado até então, e um futuro mais justo e promissor passa a ser mobilizado.

Assim como William Burroughs vai até a Amazônia peruana tomar a ayahuasca, com Allen Ginsberg seguindo seus passos em seguida, e Jack Kerouac — apesar de todo americanismo latente — se volta ao budismo e ao Oriente com seus haicais, podemos imaginar Gilles Deleuze e Félix Guattari explorando as terras brasileiras, fascinados com a maneira com que as entidades dos cultos de matriz africana e ameríndia são capazes de transpor os limites do corpo, confirmando a magnificência de potencialidades que nele residem inexploradas. Assim como Dioniso, ficariam deslumbrados ao descobrir que deuses africanos e brasileiros também são deuses que dançam — capazes de dotar o homem de vitalidade, sobrepujando as forças nefastas que atravessam os corpos.

Referências

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 15. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exu: um Deus Afro-atlântico no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2022.

Submissão: 04. 07. 2025

/

Aceite: 17. 07. 2025